

possível de elisões intervocabulares; corrigiu os evidentes erros tipográficos da edição *princeps* da obra, tendo o cuidado de assinalar sua *emendatio* com um asterisco; enfim venceu o maior de todos os desafios: conseguiu com propriedade e correção transpor para caracteres românicos o texto que Oliveira fez publicar em caracteres góticos.

Alvíssaras, pois, ao mundo da lusofonia diacrônica, pelo excelente trabalho do professor Toru Maruyama. Na remota hipótese de que uma instituição científica japonesa de fomento não se arrogue o direito de fazê-lo, praza aos céus que uma instituição portuguesa do porte da Imprensa Nacional/Casa da Moeda, ou congênera, publique e divulgue em escala maior essa edição diplomática da *Grammatica* com o *Índice de palavras-chave contextualizadas* que aqui comentamos. Além de fundadora de nossa gramatologia, é assinada justamente por quem, no dizer de Eugenio Coseriu<sup>5</sup> (1991: 47), foi “o mais importante foneticista da Renascença na România”, ninguém menos que o português Fernão de Oliveira.

Antonio Martins de Araujo

\*

PEREIRA, Paulo Roberto. (org.) *Brasiliana da Biblioteca Nacional. Guia de Fontes sobre o Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira-MinC/Fund. Biblioteca Nacional, 2001.

Em beleza e criatividade, extensividade e ilustração, informação e qualidade, a *Brasiliana da Biblioteca Nacional – Guia das Fontes sobre o Brasil*, coordenada pelo Prof. Doutor Paulo Roberto Pereira, excede a todos as obras do gênero que até hoje se publicaram em nosso país. No seu todo, é uma dinâmica e oportuna definição destes quinhentos anos de crescimento do Brasil. Uma *Brasiliana* à altura do Brasil

O encorpado volume de 636 p., formato 22,5 x 30 cm, com 500 imagens em quatro cores, foi lançado festivamente a 17 de janeiro último, e já constitui um fenômeno editorial, que não só revela seu alto nível de execução, como também a potencialidade do mercado consumidor nacional. Dos cinco mil exemplares da edição, a quota destinada a divulgação logo se extinguiu, e a reserva da comercialização está prestes a esgotar-se nas livrarias. Pressionada pela demanda internacional, a BN já fala em uma edição bilingüe.

<sup>5</sup> COSERIU, Eugenio. *Língua e Funcionalidade em Fernão de Oliveira*. Trad. de Maria Cristina de M. Maia. Rio de Janeiro, Presença, 1991. p. 47.

Isso porque, a par de seu acabamento e de sua esmerada arte-final, vem a edição enriquecida com ensaios firmados por quarenta e cinco especialistas nos vários aspectos da cultura e formação brasileiras. Como citar o nome de todos faria exceder de muito os limites desta resenha, procuraremos ater-nos aos temas, a cujas lúcidas exposições recomendamos o acesso dos leitores interessados pelas coisas nossas.

O primeiro bloco – *Sob o signo do Éden tropical* –, propicia-nos um longo e vários passeio pelos cinco séculos de Brasil, segundo a óptica de viajantes e naturalistas europeus; uma revisão do papel das ordens religiosas em nosso país; especialmente da Companhia de Jesus; das investidas de francesas e holandeses em partilhar de nossa colonização; trazendo de permeio os desdobramentos da expansão territorial do país após o Tratado de Tordesilhas.

O segundo – *Unidade nacional e Abolição* –, examina a transição de Colônia a Corte, com ensaios sobre dom João VI e a Real Biblioteca, núcleo da futura BN; sobre o período de dom Pedro II; sobre os documentos em torno da escravidão existentes naquele acervo; e fecha com um sobre a presença da mulher nas belas-letras.

*A utopia republicana*, o terceiro, passa em revista nossos primeiros anos democráticos, a modernização das artes do primeiro quartel do século XIX; a era Vargas (1930-1950); o período JK e finaliza com a intervenção militar até o movimento de reconquista das Diretas já.

O quarto – *O Retrato da invenção do Brasil* –, põe em relevo os meios de comunicação. Após analisar a evolução cartográfica e as mudanças por que passou o desenho de nosso território no abalizado ensaio do historiador Max Justo Guedes; esmiuça os veículos da multiplicação da informação por meio da tipografia, como o livro, o jornal, a revista e a charge; e finaliza passando em revista a utilização da fotografia na mídia nacional, até o advento do livro de imagens fotográficas.

O último bloco dedica um pródigo espaço aos aspectos mais marcantes da cultura brasileira: nossa poesia e nossa prosa; a música clássica e a popular; nossas duas paixões: o carnaval e o futebol; a ciência que construímos e praticamos; e conclui com um painel do Rio de Janeiro através das imagens de variada datação, assinado por Lygia da Fonseca Fernandes da Cunha, apaixonada conhecedora das coleções de gravuras da BN.

Nesse último bloco dessa obra monumental que dá especial atenção à nossa história sobrelevam dois importantes ensaios de síntese: o de Arno Wehlig, passando em revista a historiografia brasileira; e o de Sérgio Paulo Rouanet, reexaminando criticamente as explicações brasileiras de nossa gênese.

Tão bela e representativa obra de síntese de nossa história e de nossa cultura leva-nos a lamentar não haverem seus organizadores aberto espaço para textos e documentos lingüístico-filológicos da BN, que nos fazem co-responsáveis pela construção da lusofonia. O rico acervo da BN guarda preciosa documentação de nossas primeiras pesquisas dialetais, nossa pioneiras gramáticas oitocentistas, as teses filológicas do Imperial Colégio Pedro II (preparador dos recursos humanos e precursor de nossa Universidade); as coleções de revistas filológicas novecentistas que marcaram nossa presença no caldear da vernaculidade; em suma um material que nos ajudou a pensar-nos e alicerçar nossa consciência de nação soberana.

Fiquemos apenas com a dialectologia, e seus primeiros documentos. Se é verdade que data de 1787 o registro de algumas palavras da linguagem gauchesca por José de Saldanha, no *Diário Resumido* do qual, em 1856, o príncipe Luciano Bonaparte mandou editar em Londres vinte e cinco exemplares; é com Coruja, Rubim e Romanguera Correia que essas pesquisas lexicais se organizam e se impõem. A *Coleção de Vocábulos e Frases Usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul* sai em 1852 na revista do IHGB; o *Vocabulário Brasileiro para Servir de Complemento aos Dicionários da Língua Portuguesa*, de Joaquim Frederico Kiappe da Costa Rubim é do ano seguinte; enquanto o *Vocabulário Sul-rio-grandense*, de José Romanguera da Cunha Correia só sairá em 1898. O intelectual baiano Domingos Borges de Barros, barão de Pedra Branca, entre 1824-1825, na Introdução ao *Atlas Etnográfico do Globo*, de Adrien Balbi, após breve caracterização do estilo brasileiro, divulga uma relação de brasileirismos lexicais e semânticos. Esses os primeiros passos em direção dos atlas lingüísticos brasileiros, que se vêm sucedendo em bases científicas e modernas, e têm como pioneiro o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, editado em 1963 pela equipe do dialectólogo Nelson Rossi. Mas estes são de nossos dias.

Bastaria o fato de concorrermos majoritariamente para que o idioma de cultura que falamos seja um dos mais falados no mundo globalizado de hoje, para que se coloque o problema: – De que modo concorreremos para afeiçoá-lo à nossa imagem e semelhança? Numa nação jovem como a brasileira, dois séculos de história externa e interna da língua pesam na balança. Um espaço aberto para esse tema no mais importante conjunto de textos reunidos em uma *Brasiliiana* como esta, sem dúvida, ajudaria a mostrar a nacionais e estrangeiros como vem vicejando e crescendo neste país tropical esta doce “flor do Lácio inculca e bela”. Inculca?!...

Antonio Martins de Araujo